

Lanterna

ANTICLERICAL E DE COMBATE

DIRECTOR:

EDGARD LEUENROTH

Redacção e administração

Largo da Sé n. 5 (Sobrado)

CAIXA POSTAL, 195

Endereço telegráfico: LANTERNA

Toda correspondência ao director

Publica-se aos sábados
Sob os auspícios da Liga
Anticlerical do Rio
de Janeiro

ASSINATURAS:
ANO 1912: 10\$000
SEMPRE: 6\$000
PAGAMENTO ADIANTADO

Nas assinaturas para o exterior
há a diferença do porte do Correio.

A Sathrapia paulista

Messias, Deus, chefes supremos.
Nada esperamos de nenhum!
... (A Internacional) ...

Os homens do chicote e do tronco, os conselheiros, condes e barões papalinos e os abençoados até a terceira geração, os fundadores fardados da cruz e do hissopo, toda a tropa de deuses, a consagrada e decipiente que vive a sugar o povo, jubila, a esta hora, de gaudir por ter adquirido para este seu feudo mais uma arma terrível — a lei de expulsão contra estrangeiros — coraça com que pretende resguardar-se dos golpes que vai recebendo por todos os lados, desfechados pelo socialismo triunfante.

Dizem que o sathrapa de S. Paulo negociou com o homem do Catepe, por meio de concessões recíprocas, esta vergonha inquisitorial que vai servir às mais torpes vinganças, que vai abrir uma época de perseguições e de injustiças, de actos de sangue, e de defesa dos dois lados da barricada que, certo, não desejamos; porém que sabemos muito bem, com a coragem e o sacrifício que o dever nos impõe.

Sim, porque sabemos, temos a certeza, que por qualquer pretexto, a um simples pedido de qualquer explorador de escravos brancos, a vítima será agarrada, encarcerada, flagelada, expulsa sem mais cerimonia, por uma polícia sem o menor vislumbre de moralidade nem escrúpulo nos seus actos, como se tem visto mesmo antes da lei scelerada estar em vigor.

Socialistas e anarquistas, livres pensadores e anticlericais, todos aqueles que pregam a substituição desta sociedade barbara de padres e potentados por outra baseada na justiça e na Razão, onde não haverá exploradores nem explorados, onde não existirá um Deus presidindo, podendo evitar, aos mais espantosos crimes, todos estão sob a acção do arbitrio policial, este instrumento traço da classe excrecenda de improdutivos que todo ser inteligente e bem dotado de sentimento deve combater sem trégua, como se combate o microbio da peste que a todos ameaça.

Foi o medo do anarquismo, como afirmam, que os levou a forjarem as prestatas a lei com a qual pensam poder garantir-se os seus a que estão afeitos.

Foi também a grande massa proletaria estrangeira, que julgam facilmente apta a aceitar a doutrina libertaria, que lhes tem tirado o sono e que no meio dos seus festins, nos seus salões dourados, ergue-se com o seu aspecto terrível de vingança pelas muitas dores sofridas há tantos seculos.

Nós não fizemos distincção entre estrangeiros e nacionais. Hoje, qualquer que seja o paiz, vemos somente duas, duas classes — a burguesia e o proletariado, unia, como diz Sebastian Faure, indo a extrema riqueza, outra, a produtora, a extrema miseria!

Orá, a despeito de todas as leis, o instinto de conservação do individuo o forçará a reagir contra tudo que se opuzer ou atentar contra o seu natural desenvolvimento, contra a sua existência, porque é a natureza a unica força que pode ditar leis a que ninguém se pode furar.

As deportações, os fuzilamentos e perseguições em outros paizes poderiam servir de

exemplo aos que pensam poder conservar a massa trabalhadora na ignorancia para melhor poderem tosquia-la, a corrente de ideias é hoje de tal maneira impetuosa que não há força que a possa deter.

Porém o sathrapa paulista exige uma lei barbara da União contra os seus escravos.

O sathrapa paulista terá o que pede!

E fiquemos, nós os proletarios, sabendo que dentro das fronteiras brasileiras há lugar para todos, exceto para aqueles que ousarem pensar: o operario deve só ter braços e não cerebro...

E viva o governo — pai dos operarios, gritam os sicofantas! Quanta abjeção!

Mas olhem que o tiro lhes pode sair pela culatra...

Rio, 29 — 12 — 1912.

Adreca!

Hostias amargas

A muito heroica municipalidade de Uberaba confeccionou a lei seguinte:

LEI N. 288 DE 31 DE OUTUBRO DE 1912 — O povo do municipio de Uberaba, por seus vereadores, votou e eu, em seu nome, sanciono a seguinte lei:

Art. Unico. Fica o agente executivo autorizado a considerar feriados, para os efeitos dos serviços municipais, os dias de comemorações religiosas, sem descontos nos ordenamentos dos respectivos funcionarios, prorrogadas as disposições em contrario.

O director da secretaria a faça publicar e cumprir.

Pago da Camara municipal de Uberaba, 31 de outubro de 1912 — 230. da Republica.

O presidente da Camara e agente executivo municipal, Hildelbrando de Araújo Pontes.

Publicada nesta secretaria da Camara municipal de Uberaba, aos trinta e um dias do mês de outubro de mil novecentos e doze.

O director da secretaria, Felício Baptista da Paiva.

Se não estivessemos em uma república de cacada, onde a Constituição, que não reconhece religião de especie alguma, vale tanto como um Judas que a molecada queima em sabado de Aleluia, os vereadores de Uberaba seriam chamados a responsabilidade, por concederem ao romanismo privilegios de que não gozam as outras seitas religiosas, cometendo assim verdadeiro abuso de poder.

Mas toda a gente sabe que Uberaba é dominada por um fuso de Eduardo Silva, que se diz bispo da diocese, e por uma caterva de frades estrangeiros — dominicanos, agostinianos e franciscanos — que, expulsos de sua patria, fizeram da principal cidade do Triangulo Mineiro o seu quartel de inverno.

E essa fradalhada traz sujeição a si toda a população da cidade, e o que é peor, as proprias autoridades civis, que não se sentem com a coragem precisa para enfrenta-la, para reduzi-la a suas verdadeiras proporções.

Limitemo-nos portanto a apelar para melhores tempos, nos quais em lugar de uma Republica de cacada tenhamos uma republica de verdade.

Os leitores já tiveram occasião de notar a petulancia com que os bonzos da Igreja Catolica se referem a falsa sciencia?

Falsa sciencia, no dizer duns bilres, é a sciencia que se reousa na observação e na análise e que repele o senti tento e a revelação.

Falsa sciencia é, para os homens de saia e zeto no vertice da cabeça, a sciencia que não admite um Deus formado de tres Deuses, dos quaes um se fez homem a principio e mais tarde se transformou em

Para o pobrezinho do Vaticano



Quem dá ao papa empresta a Deus...

pão que cria bolor e em vinho que se converte em vinagre, segundo as palavras de Diderot. Para a clericalidade só há uma sciencia verdadeira, que é a Teologia — verdadeira mayonaise de asneiras, absurdos e infantilidades.

A Astronomia, que derrocou a cosmogonia mosaica, se não se puzer de accordo com a mesma, será apodada de falsa sciencia.

A Matematica, se não admitir que um Deus, mais um Deus e mais outro Deus são iguais a... um Deus — falsa sciencia.

A Fisica, se não doutrinar que os accidentes — cor, sabor, forma, etc. — podem subsistir sem a materia, quando taes accidentes nada mais são do que as modalidades, segundo as quaes a materia impressa os nossos sentidos — falsa sciencia.

A Quimica, se ousar afirmar que a hostia consagrada contida a ser uma obra de amido, e que em caindo sob a acção de um acido mineral ou certos fermentos solúveis, como a ptyalina, a pancreatina, a maltina, etc. — se desdobrar fatalmente em assuacres invertidos — falsa sciencia.

A Biologia, se contestar a existência do reino humano, si no homem nada mais vê do que o produto mais elevado da differenciação de um certo ramo da animalidade, — falsa sciencia.

A Sociologia, se não proclamar que os selvagens representam povos decaídos em razão do pecado de Adão, mas que, ao envez, são raças humanas em periodo atrasado do estado hostial — falsa sciencia.

A Moral, se prescrever que o chefe da familia deve também ser o chefe espiritual do seu lar; se não estatuir que a esposa tem o dever de abrir o seu coração a um confessor que em geral é um tipo imundo, tornando-o seu confidente intimo, transmitindo-lhe sem restricções de especie alguma os seus pensamentos, pateando-lhe a sua alma, abrindo-lhe os recessos do seu coração, e dele, só dele recebendo instruções sobre o modo de se guiar, de se conduzir na vida conjugal — falsa sciencia.

Para as cavalgadas tonsuradas a sciencia verdadeira está em constranger a razão, forçando-a a aceitar principios por mais illogicos e duvidosos de roer que sejam e em ceder firmemente que os padres devem governar os lares, desde o vestibulo até... as camaras de dormir.

Entretanto, há neste mundo sublimar tanto basbaque, tanto palerma que acredita pamente

em tais disparates, e para quem o padre é uma criatura excepcional, a cujos caprichos deve sempre estar sujeito todo aquele que for candidato a um lugar no coro dos querubins que vivem a cantarolam na eterna bem-aventurança...

E é por isso que os padres são os primeiros a afirmar, e com toda a autoridade, que o numero de estultos é infinito...

Ignoto.

Um alau, príncipe da Igreja

O cardeal de Richelieu conhecia a importancia da religião para manter sujeitos os espiritos e os corpos, mas, quanto a ele, era intelligente demais para acreditar nela.

O historiador Tallemant des Reaux (1620-1693), cujo irmão foi capello de Luiz XIV, refere que o conego Mulet censurara o cardeal pela sua impiedade e que Richelieu declarara francamente que não acreditava em Deus.

Um anonimo, que se firma: "Um Francez desinteressado", escrevia sobre o mesmo assunto a Luiz XIII que "da propria boca da rainha mãe soubera que, para lhe dar repouso e tirar das as inquietudes que podem perturbar os seus governam, Richelieu lhe tinha dito, a ela, que se devia crer como indubitavel maxima nada existir depois desta vida, ser o Paraiso os fabulosos Campos Elisios e o Inferno o rochedo de Sísifo ou o supplicio do Tantalos.

Este scepticismo occulto não impediu Richelieu de mandar quem virou Urbano Grandier como feitoriceiro, etc.: mas isso foi antes devido ao facto de o considerar como um dos seus inimigos politicos.

O cardeal soubera extorquir ao seu clero mais de dezto milhoes de francos. Daí, a colera dos frades contra o representante da hierarquia em França.

G. Brocher.

Ainda o exodo das Igrejas

Encontramos, diz La Pensée, no Der Dissident, anexo ao Freie Wort, os novos informes que seguem:

Em Munich em 1912, 700 pessoas declararam abandonar a Igreja; em Schweinfurt (20.000 habitantes) 735, das quaes 535 de julho a outubro; em Iena, 400; em Saxe-Meiningen, 300.

Os brasileiros muito ganhavam se imitassem o exemplo dos alemães, deixando a igreja às moscas.

EM FRENTE DA REACÇÃO

Neste belo paiz onde todavia estão abertas as chagas produzidas pelos supplicios anteriores a 13 de maio de 1888, despontam novos rebentos de torturas. Os negreiros modernos, que conservam no sangue, por atavismo e por herança morbida, os ferozes instintos de escravização e de perfidia desalmada, aconduzidos pelo sorriso macabro do algoz que se compraz em torturar a sua vítima, põe as manguiñas e mostra, erguendo novamente o rebenque para acotiar as classes laboriosas e intelligentes e restaurar, com novos meios de supplicio, as velhas maeirações das zenaldas.

Não se lembram os burgueses e governantes de que a escravatura terminou há vinte e tantos anos sob a acção invencível da tendencia liberal da humanidade, e por isso tratam o proletariado, sem distincção de cor, de raça e de nacionalidade, como uma manada de escravos, para quem a famosa lei de 13 de maio vem a ser a generalização da escravatura, estendida a todos os produtores; e os que tomam a serio as garantias constitucionais e os que, independentemente delas, pugnam pela abolição da escravidão moderna, pela emancipação economica dos despojados da fortuna, e pela expansão luminosa do livre-pensamento, pagam com a vida, com a saúde e com a liberdade as belas e fulgurantes aspirações nascidas da razão e da pureza de sentimentos, as quaes os negreiros de casaca e de batina fazem uma guerra sem quartel.

Os patriotas mais eminentes que tem em suas mãos os destinos da nação, para felicidade e gloria do povo brasileiro, segundo os seus alardes oratorios, confirmam a existência incontestavel da igualdade, percebendo cada um cem mil réis diários, para facilitarem a introdução de novos escravos, para inundarem de negros traficantes de profisso o solo da patria, para entregarem em parcelas o territorio nacional a sindicatos de capitalistas estrangeiros e para ditarem leis sceleradas e de excepção contra os trabalhadores, que com o trade e penoso trabalho de 10 ou 12 horas diarias apenas ganham cem mil réis... por mez.

Sob os auspícios dos presidentes, ministros e senadores e deputados, os quaes se desfazem em apologias libertarias para galgarem as alturas do poder e fazerem rendosos negocios com as suas prerogativas, que lhes proporcionam somas enormes, que sobram para accumularem capitais em pouco tempo e regarem com libras esterlinas as suas orgias e festins; sob os auspícios desses legisladores democraticos e festinistas que entregam a terra e o tesouro nacional a disposição das companhias de parasitas clericais, missionarios da degeneração, da deslocação e da morte, os cidadãos nacionais ou aqui residentes, que com o suor do seu rosto e com a energia da sua intelligencia produzem tudo quanto aqui pode ser exhibido como progresso e cultura, tudo o que representa o desenvolvimento material e moral do paiz, são expulso sem nenhuma formula jurídica, por meros decretos do poder executivo, árbitro e senhor absoluto da vida e da liberdade dos habitantes mais esforçados na labuta pelo bem-estar comum, trancado pela absorção, monopolio e limitação sistematica de todas as vitalidades pelos

pro-homens, que do pináculo das suas posições politicas, economicas e religiosas impelem o povo para as profundidades da miseria e da ignorancia, e apertam implacavelmente os grilhões ignominiosos da sua escravidão.

A tara evidente da liberalidade e o tecnicismo sociologico dos mais conspícuos estadistas desta terra fulgem em relampagos deslumbrantes dos cerebros dos parlamentares, representantes do Estado mais adiantado, aquele que reúne em si a capacidade maxima da mentalidade brasileira, a frente de cujo partido, ironicamente chamado civilista, se ergue a incomparavel personalidade do super-homem, do semi-deus Rui Barbosa.

A bancada paulista, na pessoa do sr. Adolfo Gordo e a instancias do governo deste Estado, apresentou a Camara dos deputados um projecto de reforma da liberticida lei de expulsão de estrangeiros, cujo teor dá ao poder executivo illimitadas facilidades para deportar a todos os estrangeiros, sem ter em linha de conta os direitos de residencia, de familia e de propriedade.

Em virtude dessa lei ficam, para os cidadãos que não sabem ao paladar dos jesuitas, dos despotas e dos usufrutuarios do trabalho alheio, suprimidos todos esses direitos.

Por estas disposições estarão todos os estrangeiros, sem ter em conta os seus direitos, a piedosamente a missa; a confessar aos santos varões da grei do immaculado Faustino Consoni todos os nossos pecados, fazendo-nos de antropólogos traçados de particulas do corpo do Nazareno, arrancando a ultima códea de pão da boca dos nossos filhos para emriquescer os recidos de ouro e purpura os troncos da rainha adultera que juldu o seu esposo José para entregar-se aos transportes do amor com o Espirito Santo; teremos que amordacarmos o nosso pensamento e tornarmos-nos a bestialidade; suportar calados todas as infamias dos governantes e amos, obedecer como cordeirinhos todas as suas ordens, seguir humildemente todas as suas veleidades, e ser joguete de todas as suas pretenções.

O cumulo da degradação. O proprio sr. Rui, em carta há pouco enviada a Noticia do Rio, explica os foros do cidadão dentro da politica e do civismo moderno:

"Eu, diz, não sou uma pessoa, mas um programa: a restauração da ordem civil. Não tenho outra pretenção e em questo de candidaturas outro criterio não poderei ter."

Sendo este o criterio a respeito da sua propria pessoa, não nos assombra que os politicos, e com eles os padres e os financieiros, tratem por todos os meios de reduzi-los a zero.

O sr. Adolfo Gordo, em sua magistral exposição perante a egreja assembleia de notaveis, assevera que os estrangeiros que aqui permanecem muitos anos tornam-se mais perigosos, por conhecerem o idioma, as leis e os habitos do paiz.

Edificante descoberta! Nem Crisostmo Colombo e Vasco da Gama são dignos de tanta homenagem como o nosso preclaro parlamentar.

Mas, se evidentemente o conhecimento do idioma, das leis e dos habitos do paiz é o que agrava o perigo, não tem o governo outra coisa a fazer do que expulsar todos os brasileiros, todos os portugueses, em-

fim fazer um êxodo geral de toda a população, mandando-a para os mundos da Lua e povoar novamente o seu querido Brasil com imigrantes importados da Cochinchina ou da Mongólia, ou ao menos mandar escrever as leis em idioma turco ou japonês.

Se ha inconveniencia, como diz, em que os estrangeiros se casem com brasileiras e em adquirir territorios, dite-se uma lei de divorcio para os que já estão casados e outra proibindo esse casamento anti-patriótico, e finalmente outra que declare abolido o direito de propriedade para todos os estrangeiros, pois é difícil averiguar quais os que são ou que chegarão a ser perigosos.

Perigosos! Mas quem são esses perigosos?

Os que o governo expulsa é porque a mal chamada Justiça não encontra nos códigos forma alguma para submetê-los a processo, o que o direito para os saíram fora das leis estabelecidas; ao contrario, a fobia dos governantes, como se vê, reside no facto de que os cidadãos conhecem as leis e por elas os limites do poder governamental, tornando-se portanto mais perigosos porque não agem fora da lei.

Mas vejamos quais são realmente os mais perigosos: serão os trabalhadores e os homens de pensamento livre, deportados por reclamarem os seus direitos e propagarem os ideais de emancipação e instruírem as classes laboriosas, ou os sacristas que propagam a loucura religiosa e vendem a gloria divina como aqui se vendem lotes de terreno, ou os governantes que cobrem de imposto a população mais pobre para repartir os seus produtos entre os favoritos da corte republicana, ou os exploradores que diariamente recebem os valores do fruto do trabalho dos operários?

E' facil deslindar posições. E' facil deduzir o grau de civilização deste país: cuja virtude democrática e liberal prepara o terreno para o resurgimento do regime monárquico. A referida lei, já aprovada na Camara e no Senado, a estas horas já estará sem duvida sancionada pelo presidente da república. Aproveitem, sancionem essa lei e outras mais scleradas; ao menos assim se mostram tal qual são, e os seus actos vandálicos não mais serão praticados á sombra de mistificações liberais e democráticas, pois neste caso correspondem os princípios draconianos da propria regimentação da ordem politica, que os proclama e determina.

O povo tambem tem a sua parte de responsabilidade nesta precipitação para a sua propria ruína. A estas horas uma commoção popular devia ter feito explodir por todo o país, obrigando o governo a retroceder e collocar-se na sua mesquinha posição, demonstrando-lhe que não se deve brincar com os direitos, as liberdades e a dignidade das classes populares.

Ou temos ainda alma de escravos? Ou carecemos da consciencia da nossa dignidade?

Se assim não é, o que vivamente desejo, não devemos esperar um instante para sair em defesa da liberdade, a abofor quanto antes as leis scleradas e afastar para distancia respeitavel os poderes que nos oprimem, exploram e fanatizam.

Penso que seria util a criação em todas as cidades e povoados da « Liga dos Direitos do Homem », que representasse o fiel reflexo do protesto popular contra a prepotencia e o crime, e iniciar-se uma intensa agitação em tal sentido.

Seria uma resposta digna perante a arbitrariedade governamental.

Seja como for, é preciso fazer sentir a energia popular, é preciso revoltar-se contra o alto despotismo, contra a exploração desenfreada e contra a loucura do dominio clerical.

Abaixo a escravidão moderna!

Joba Crispim.



O misterio diplomatico.— Considerações filosoficas sobre o esoterismo moderno e o progresso democratico dos povos.— Os reis antigos e os reis modernos.— Como o povo caminha contra a matança.— Que sabemos nós da questão do Oriente e das combinações entre potências.— A sociedade e o « incidente improvisado ».— Em que consistiria o « incidente do incidente »: a ingenuidade dum mãe, por exemplo.— A attitude inquietante da Austria.— O sobressalto na Europa.— Agitação contra a guerra.

LISBOA, 15 DE DEZEMBRO

As coisas do Oriente europeu e as das delias resultam parecem cada vez mais confusas e embrolhadas. Todos os dias o telegrapho nos traz noticias de inesperadas complicações e de combinações imprevisíveis.

Que não estiver no segredo dos deuses, quem não estiver iniciado no esoterismo da diplomacia nem conhece os bastidores da finança e da politica, quem não pertencer, em suma, a essa reduzi da minoria que, através de ficções democraticas mais ou menos acenadas, rege os destinos dos povos,— não percebe patavina de toda essa embrolhada balcanica e europeia, dêsse choque de tam diversos e desencontrados interesses de amos e senhores, origem de tantos males já sofridos e de possíveis hecatombes futuras. Não percebe — nem é preciso!...

Os governantes, os financeiros, os diplomatas, incumbem-se de pescher e resolver por todos. Se necessário for, quando chegar o momento asado, os cidadãos ou os súbditos serão amavelmente convidados a uma chacinha, a uma luta selvagem e mortifera contra outros súbditos, ou outros cidadãos, ou outros tratados secretos, ou maneios diplomaticos, as rivalidades dos senhores da finança e da industria lhes tiverem posto na frente. Ouvirão falar na « defesa da pátria » que eles não possuem, na « honra nacional » que eles ignoram, nos « interesses do país », que são a sua duma inscaval oligarquia internacional, e marcharão para o matadouro só por isso, isto é, sem saber porque.

Tal é a nossa liberdade. Antigamente, os reis, pelos seus magnânicos interesses, pessoais ou dinásticos, conduziam a guerra os seus vassallos ou os seus mercenários, cuja honra era a honra do soberano ou do senhor, e em cuja mente não germinava sequer a extraganante ideia de perguntar os motivos da contenda.

Hoje, não. Hoje, felizmente, vivemos em democracia, mais ou menos pura. Temos o regime representativo, mais ou menos genuino. E' o pólvoro (ênfase na voz e não no coração), é o povo, é o demos que governa — por intermédio dos seus representantes... E' ele que escolhe os seus senhores. Eis por que estes, tendo toda a confiança do demos, acham sem duvida escusado dar-lhe contas dos altos e delicados segredos diplomaticos — exigidos pela sublime Razão de Estado e pela sagrada segurança da Patria... Assim, se os modernos cidadãos são mantidos na mesma ignorância dos antigos vassallos, e com a mesma ignorância marcham para a guerra, devem consolar-se, pensando que são democraticamente conduzidos.

Nós, portanto, modestos cidadãos, nada sabemos do que resolvem os nossos amos. Iremos ou não ao matadouro? E porque havemos ou não havemos de ir? Não sabemos. Somos obrigados a contentar-nos com as fantasias do jornalista, constrangido a fazer qualquer coisa, com as atoardas do especulador, com os boatos avidamente colhidos, ampliados, divulgados... Nas « esferas officiais » corre... Dizem os « círculos bem informados... » Cons-

a em tal Bolsa... Afirma-nos « centros militares... » Que resolvem, pois, as Bolsas, as esferas officiais, os centros militares? Manobram em segredo, combinam em segredo, mobilizam em segredo — e depois, sendo muito necessário, farrão ao público a honra de lhe servir um pretexto, um « incidente », um « incidente ».

Esta expressão foi recentemente proferida pelo ministro inglês, Edward Grey: « a situação é boa... » a não ser que surja um « incidente improvisado » muito facil de arranjar. A Austria já esteve a ponto de utilizar um, o assassinato dum conselheiro austriaco pelas tropas sérvias, quando a mãe do dito conselheiro, diplomaticamente morto, veio ingenuamente declarar que o filho estava são e respeitado...

E é da Austria que se receia mais a ameaça para a paz. Diz-se que já mobilizou perto de um milhão de soldados.

“A Lanterna” transformada em diário

Com o crescente e ameaçador poderio do clericalismo e de todas as forças reacconaristas, torna-se indispensavel a publicação cotidiana da “Lanterna” — Que dizem os nossos amigos desta importante iniciativa?

A transformação da Lanterna em diário, não é de ha muito uma nossa ardente aspiração, assim como a de quantos sentem a necessidade de tornar mais intensa a propaganda.

Os clericais contam por todo o Brasil com numerosos periodicos, com um diário em São Paulo e com quasi a unanimidade da grande imprensa, que, mesmo redigida por individuos « pro-diant » anticlericais e livres-pensadores, á clericaliza-se subneite pusillanimemente.

E nós de quantos jornais dispomos? Quais são os diários que se pronunciavam a favor da nossa propaganda?

A resposta é para nós esmagadora. Mas tal situação não pode nem deve perdurar. A onda negra avança assustadoramente sobre o Brasil, ameaçando esmagar-nos por completo. Urgem, reagir pronta e energicamente. E por isso precisamos de uma voz de combate na imprensa diaria.

Será isso possivel? Tentemos. Já aqui, ha dois anos, lançamos essa ideia, mas a grande agitação que então nos levou á cadeia obrigou-nos a pô-la de lado.

Hoje voltamos á carga e com um programa mais positivo. Que faremos com a Lanterna diaria? Quais os beneficios que ela poderá proporcionar á propaganda?

Lanterna, transformada em diário, será um jornal completo, bem informado, com minucioso serviço telegraphico e amplo noticiario, comentado sob o criterio das nossas ideias, e collaborado por escritores indigenas e do estrangeiro escholidos entre os militantes de mais valor intelectual no campo das ideias modernas.

Será diariamente illustrado e publicará, em folhetins, traduções de trabalhos escholidos ou especialmente escritos para o jornal.

Será, afinal, um jornal moderno, de opiniões proprias, transpirando actividade, fazendo passar tudo pelo cadinho das aspirações modernas. Não será um jornal de simples informações alheias ás injustiças e explorações que por aí campeiam livremente. Ao contrario, será um permanente e vigilante guarda dos direitos do povo, azorragando sempre e sem resguardos todas as tiranias e explorações.

A campanha contra a horda negra do Vaticano será assim, diariamente, sustentada, pon-

Que sairá das duas conferências de Londres — uma dos delegados dos beligerantes, outra dos embaixadores das potências?... Que sairá da questão do porto sérvio — e do porco sérvio?...

Reclam ainda e sempre a ansiedade e a incerteza.

O pessimismo e o optimismo alternam-se, misturam-se, balangam-se, ao sabor dos interesses, sentimentos e boatos.

Nestes últimos dias parecia predominar uma esperança de paz e accordo; mas de novo chegam as noticias aterradoras. A Europa toda vive num sobressalto, de que ao longe não se pode fazer ideia; e há quem atribua o extraordinário e repentino aumento de emigração, sobretudo pelos portos alemães, ao temor da grande guerra.

Entretanto, sem se deixar influenciar pelos boatos tranquilizadores, porventura intencionalmente, pelas ameaças e prepotências, o proletariado continua vivamente a sua agitação contra a guerra.

Mesmo entre nós, tem eco essas manifestações que os governos precisariam de tomar em conta; e assim para hoje, como para outros dias, estão convocados os comícios em Lisboa, Porto e outras localidades.

Neno Vasco.

E aí têm o projecto com o qual a Lanterna poderá ser transformada em diário.

E' possivel execute-lo? Os anticlericais, os livres-pensadores, o proletariado estarão dispostos a adquirir as acções do emprestimo?

Com quantas poderão ficar? Quantos teremos a possibilidade de passar.

E' o que nos devem responder. Que cada um apresente a sua opinião.

CONFETOS BIBLICOS

No capitulo XXI do Êxodo, continua o legislador hebreu a pôr na boca do Senhor prescrições diversas com diversas sanções. Legista-se sobre o modo de sair forte o escravo hebreu, estabelecem-se penalidades para os crimes de homicidio (frustrado, prematado, traçoquo ou por imprudencia), de ferimento ou maldição contra o pai ou mãe, de furto e venda de homem, de ferimentos, etc. O capitulo XXII occupa-se do furto, roubo, dano, fogo posto, abuso de confiança, sedução, feitoria, idolatria, heresia, pagamento do imposto aos padres... O capitulo XXIII assigna algumas regras morais uteis e humanas, alguns mandamentos de justiça e solidariedade, não se esquecendo, porém, de condenar severamente a concorrencia dos deuses estrangeiros, de exigir cerimoniaes cultuais, dítimos e primicias e de prometer, contra o inimigo, exterminio, sangue, mortandade...

São numerosos os casos sujeitos á pena capital — e entre eles estão, naturalmente, a feitoria e o sacrificio aos deuses estrangeiros. Para uma casta dominadora, á heresia, á subordinação, á concorrencia não só os piores dos crimes.

A selvatica pena de talão vem ali expressamente formulada (XXI, 23 a 25): «vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé».

Se, então, já tem larga entrada a justiça da compensação, da indemnização, da reparação, fase mais avançada da evolução penal. Esta conquista é fruto do lento progresso humano; mas as penas em conjunto, as barbaras crueldades atribuidas a um Deus, não honram muito a omnipotencia, a justiça e a sabedoria desse Deus, autor de todas as coisas, causador de todos os bens e de todos os males e regulador da vida cotidiana dos homens... Repetimos: o que vale a esse Deus e não existir, a não ser na astucia inventiva das castas dominantes e na imaginação ignorante dos simples e dos dominados.

Levados as guerras e conquistas, os hebreus, os seus chefes façam do seu deus nacional um guerreiro terrível e sanguinario: «Eu enviarei o meu terror diante de ti, e exterminarei todo o povo, em cujas terras entrars» (XXIII, 27). E! O Sabao hebreo.

Que pele-vermelha!

O Constatante.

Seção amena

Pedrinho e Carlinhos são dois travessos, geniais nas suas travessuras. Ha três ou quatro horas que fugiram de casa, quando — oh! prodigio! oh! felicidade! — encontram, muito bem embrolhado, um belo queijo flamengo.

— E' meu! grita Pedrinho. Fui eu quem o vi primeiro!

— Mas quem lhe pôz a primeira vez, eu! clama Carlinhos. E' meu!

Ha uma longa discussão, e por fim Pedrinho propõe que o queijo seja de quem for capaz de mentir mais. E os dois garotos começam a mentir mais desabaladamente do que candidatos em tempo de eleições. Tão entretidos estavam naquele match de petas, que nem sequer tinham visto o senhor vigário escutando tudo desde o principio. E grande foi a surpresa dos pequenos, quando de repente o ouviram dizer:

— Os meninos não tem vergonha de mentir dessa maneira? Seus patifes! Mentir é a coisa mais feia que ha. Eu nunca menti na minha vida!

Carlinhos, exclama o sr. Vigário!

EM PROL DO IDEAL

Impressões de viagem

Notas de um peregrino em propaganda pelo interior do Estado

Chagado de Ponta, bem folgao. O cansaço, a fadiga, o aborrecimento resultam das peripécias da viagem nos subúrbios e ao longo do percurso da estrada de ferro para o interior do Estado. Afinal, tudo se passou. Assim, no dia 6 de dezembro, deixamos as outras e a grande cidade de São Paulo com destino a diversas contras do ramal de Uberaba, visitando, porém, em primeiro lugar, a prospera povoação de Brodowski.

Brodowski. Ao piaz na plataforma logo vi umas casas ao redor da estação, com ruas alinhadas, limpas, com algumas casas comerciais, oficinas, dois hotéis, uma capela esculpida em madeira, um edifício á maneira de chácara, com inscrições no frontispício, pertencente a uma sociedade italiana de socorros mutuos, etc. Houve ali, também, em tempos passados, uma loja maçônica, que hoje dorme o sono do esquecimento.

É um lugar que não me causou má impressão, e que, segundo ouvi dizer, promete um futuro, progresso. Tal é Brodowski. E tanto assim é que, ainda há pouco, um viajante da via administração de Batatalia, a cujo município pertence a população que entendem tratar-se um município politico e conselheiros em municipalidade, não se esquecendo, porém, de condenar severamente a concorrencia dos deuses estrangeiros, de exigir cerimoniaes cultuais, dítimos e primicias e de prometer, contra o inimigo, exterminio, sangue, mortandade...

São numerosos os casos sujeitos á pena capital — e entre eles estão, naturalmente, a feitoria e o sacrificio aos deuses estrangeiros. Para uma casta dominadora, á heresia, á subordinação, á concorrencia não só os piores dos crimes.

A selvatica pena de talão vem ali expressamente formulada (XXI, 23 a 25): «vida por vida, olho por olho, dente por dente, mão por mão, pé por pé».

Se, então, já tem larga entrada a justiça da compensação, da indemnização, da reparação, fase mais avançada da evolução penal. Esta conquista é fruto do lento progresso humano; mas as penas em conjunto, as barbaras crueldades atribuidas a um Deus, não honram muito a omnipotencia, a justiça e a sabedoria desse Deus, autor de todas as coisas, causador de todos os bens e de todos os males e regulador da vida cotidiana dos homens... Repetimos: o que vale a esse Deus e não existir, a não ser na astucia inventiva das castas dominantes e na imaginação ignorante dos simples e dos dominados.

Levados as guerras e conquistas, os hebreus, os seus chefes façam do seu deus nacional um guerreiro terrível e sanguinario: «Eu enviarei o meu terror diante de ti, e exterminarei todo o povo, em cujas terras entrars» (XXIII, 27). E! O Sabao hebreo.

Que pele-vermelha! O Constatante.

Ha uma longa discussão, e por fim Pedrinho propõe que o queijo seja de quem for capaz de mentir mais. E os dois garotos começam a mentir mais desabaladamente do que candidatos em tempo de eleições. Tão entretidos estavam naquele match de petas, que nem sequer tinham visto o senhor vigário escutando tudo desde o principio. E grande foi a surpresa dos pequenos, quando de repente o ouviram dizer:

— Os meninos não tem vergonha de mentir dessa maneira? Seus patifes! Mentir é a coisa mais feia que ha. Eu nunca menti na minha vida!

Carlinhos, exclama o sr. Vigário!

Que pele-vermelha!

O Constatante.

Ha uma longa discussão, e por fim Pedrinho propõe que o queijo seja de quem for capaz de mentir mais. E os dois garotos começam a mentir mais desabaladamente do que candidatos em tempo de eleições. Tão entretidos estavam naquele match de petas, que nem sequer tinham visto o senhor vigário escutando tudo desde o principio. E grande foi a surpresa dos pequenos, quando de repente o ouviram dizer:

— Os meninos não tem vergonha de mentir dessa maneira? Seus patifes! Mentir é a coisa mais feia que ha. Eu nunca menti na minha vida!

Carlinhos, exclama o sr. Vigário!

Que pele-vermelha!

O Constatante.

Ha uma longa discussão, e por fim Pedrinho propõe que o queijo seja de quem for capaz de mentir mais. E os dois garotos começam a mentir mais desabaladamente do que candidatos em tempo de eleições. Tão entretidos estavam naquele match de petas, que nem sequer tinham visto o senhor vigário escutando tudo desde o principio. E grande foi a surpresa dos pequenos, quando de repente o ouviram dizer:

— Os meninos não tem vergonha de mentir dessa maneira? Seus patifes! Mentir é a coisa mais feia que ha. Eu nunca menti na minha vida!

Carlinhos, exclama o sr. Vigário!

Que pele-vermelha!

O Constatante.

Ha uma longa discussão, e por fim Pedrinho propõe que o queijo seja de quem for capaz de mentir mais. E os dois garotos começam a mentir mais desabaladamente do que candidatos em tempo de eleições. Tão entretidos estavam naquele match de petas, que nem sequer tinham visto o senhor vigário escutando tudo desde o principio. E grande foi a surpresa dos pequenos, quando de repente o ouviram dizer:

— Os meninos não tem vergonha de mentir dessa maneira? Seus patifes! Mentir é a coisa mais feia que ha. Eu nunca menti na minha vida!

Carlinhos, exclama o sr. Vigário!

Que pele-vermelha!

O Constatante.

Ha uma longa discussão, e por fim Pedrinho propõe que o queijo seja de quem for capaz de mentir mais. E os dois garotos começam a mentir mais desabaladamente do que candidatos em tempo de eleições. Tão entretidos estavam naquele match de petas, que nem sequer tinham visto o senhor vigário escutando tudo desde o principio. E grande foi a surpresa dos pequenos, quando de repente o ouviram dizer:

— Os meninos não tem vergonha de mentir dessa maneira? Seus patifes! Mentir é a coisa mais feia que ha. Eu nunca menti na minha vida!

mo porque esse dia era mais apropriado, etc.

Entretanto, também, não foi possível. Não ficou, apenas, em casacos, em promessas.

É porque? Fácil é explicar: não há ali, infelizmente, uma verdadeira disposição para a propaganda das ideias modernas.

É isto o que se observa em Franco. Se não, tenho certeza, a Liga Operária daquela cidade, como outras do interior, estaria pronta, solícita, a promover meios para a conferência e para protestar contra a iniquidade do expulso de estrangeiros.

Que fazer, porém?

Esperar que ela tome a verdadeira iniciativa, cooperando eficientemente para a propagação dos princípios revolucionários que tendem a regenerar a humanidade.

É porque não, ali, tudo evoluiu com o correr dos tempos?

Depois de ter estado em Franco, foi mais um pouco além, a povoação mineira denominada

Conquista

Pouco mais que Brodowski; porém mais desenvolvida, a vila de Conquista está com gosto de amamentar extraordinariamente, dadas as condições especiais em que se acha colocada.

Entre as boas coisas, a associação italiana de socorros mútuos, com prédio próprio, boas instalações, etc.

Quem mais há? Ali, também, padre e igreja, mas, dizem, o povo de Conquista não é muito religioso. O padre, por isso, não tem muito serviço.

Ainda bem, se tal é certo.

Além disso, há de Conquista ferozmente alguns valentes propagandistas de livre-pensamento, os quais não perdem tempo.

De regresso para Ribeirão Preto, a porta da cidade de

Batalais

Sabem que é Batalais? É uma cidade cujo câmaro quer impor, pela força, ao povo, uma exorbitante tributação de que tem recebido forte protesto da parte dos comitês, que são todos os seus municípios, é excepção dos padres, das igrejas e das casas de desamortização política.

A, que não há quem escape. Chegou ali no dia 14 de dezembro, ignorando tudo de que se tratava, mas não sendo de outro modo, foi logo como propagandista de ideias libertárias, foi procurar alguns companheiros e viu-se a Liga Operária, de cuja existência já estava anteriormente informado.

Foi então que soube do que havia. Disse-me que a uma reunião, a qual foi feita pelos membros da Liga Operária relativamente a questão de impostos exigidos, os camaráes responderam, assim:

«Os operários que não quiserem pagar os impostos podem ir embora do município, que não fazem falta».

Que resposta!

E isso, do facto, era uma ofensa, que precisava ser desavergada.

Dai a razão porque entendemos, no dia 16, de mais uma manifestação de desagravo à câmara e desavergaram-se em greve, reunindo-se naquele dia, às 11 horas da manhã, na sala da sociedade italiana de mútuo socorro.

Sua um gesto de respeito.

O número dos que compareceram foi relativamente grande e a assembleia esteve calorosa e entusiástica, mostrando-se, porém, todo o respeito à ordem.

Dali, desceram em direção do jardim público, em cuja praça, como já está feita notícia, teve realização o autêntico comício de protesto.

Nessa ocasião foram levantados vivas à revolução social e à Lanterna. E como ainda não tivesse chegado o refúgio político, depois de terem barcos naquela cidade, não se observou nenhuma intenção digna do povo, nenhuma perturbação a ordem pública.

Foi, em suma, uma demonstração que valeu alguma coisa, e que se faz digna de ser registrada nos factos da história daquela cidade, para ser celebrada, basta ter sido o berço de duas grandes nobilidades que aviltam a vilagem brasileira: Adolfo Gordo e Washington Luiz.

Que a Liga eira de exemplo, eis o que podemos desejar.

Após a agitação popular ocorrida naquela cidade, na qual tive o ensejo de tomar parte, seguí outra vez com destino a

Ribeirão Preto

Procurava estar nesta cidade há 7 horas da noite, ali de realizar a conferência anunciada e também protestar contra a lei de expulsão de estrangeiros, junto com os operários ribeirões-pretanos.

A hora agendada comparei ali no salão da Liga Operária de Ribeirão Preto, onde já se achavam reunidos muitos operários.

A sala não demorou a ficar repleta e logo a sessão foi aberta pelo companheiro Romulo Azeiteiro, secretário da associação.

A assembleia em peso foi solidária no protesto, e acabou o abaixo assinado contra a nefasta lei de expulsão de estrangeiros, a qual será publicada pela nossa filial.

Na próxima narrativa tratarei de factos relativos às cidades de S. Raimundo, Caxias, S. Sebastião do Paraíso, S. José do Rio Preto, Mococa, Foz de Cosmópolis, Rio Preto do Sul, Anápolis, Amparo, e outros, encerrando assim o meu itinerário na Mogiana.

Ribeirão Preto, 30 — 12 — 1912.

J. Penteado.

Contra a lei-arrocho

Vai num crescendo animador o movimento de repulsa contra o mostrengo

Como em outras cidades do interior, também em Amparo se realizou um comício de protesto contra a execranda lei de expulsão de estrangeiros, que constitui o mais evidente atestado da decadência moral dos homens públicos deste país, cuja sorte se acha a mercê de uma comandita composta de indivíduos autoritários, escravagistas, sem ideal nem entranhas.

A lei de expulsão de estrangeiros é o parto monstruoso de uma entidade degenerada que procura desestimar o Brasil do conjunto das nações civilizadas. Adolfo Gordo, o servidor dos fazendeiros autoritários que ontem foram senhores de escravos, não podia produzir outra coisa. A lei, a lei proposta por ele, não é senão uma barreira levantada contra a livre manifestação de pensamento no Brasil, onde, graças ao influxo recebido dos colonos europeus, as ideias modernas, com as suas manifestações no ambiente social por meio de greves como as dos empregados da companhia Paulista, e dos trabalhadores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

A monstruosidade lei tendo a coíthar esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operários conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. É isso e nada mais o que pretendiam os legisladores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

Uma monstruosidade lei tendo a coíthar esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operários conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. É isso e nada mais o que pretendiam os legisladores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

Uma monstruosidade lei tendo a coíthar esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operários conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. É isso e nada mais o que pretendiam os legisladores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

Uma monstruosidade lei tendo a coíthar esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operários conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. É isso e nada mais o que pretendiam os legisladores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

Uma monstruosidade lei tendo a coíthar esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operários conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. É isso e nada mais o que pretendiam os legisladores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

Uma monstruosidade lei tendo a coíthar esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operários conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. É isso e nada mais o que pretendiam os legisladores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

Uma monstruosidade lei tendo a coíthar esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operários conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. É isso e nada mais o que pretendiam os legisladores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

Uma monstruosidade lei tendo a coíthar esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operários conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. É isso e nada mais o que pretendiam os legisladores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

Uma monstruosidade lei tendo a coíthar esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operários conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. É isso e nada mais o que pretendiam os legisladores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

Uma monstruosidade lei tendo a coíthar esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operários conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. É isso e nada mais o que pretendiam os legisladores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

Uma monstruosidade lei tendo a coíthar esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operários conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. É isso e nada mais o que pretendiam os legisladores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

Uma monstruosidade lei tendo a coíthar esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operários conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. É isso e nada mais o que pretendiam os legisladores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

Uma monstruosidade lei tendo a coíthar esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operários conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. É isso e nada mais o que pretendiam os legisladores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

Uma monstruosidade lei tendo a coíthar esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operários conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. É isso e nada mais o que pretendiam os legisladores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

Uma monstruosidade lei tendo a coíthar esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operários conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. É isso e nada mais o que pretendiam os legisladores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

Uma monstruosidade lei tendo a coíthar esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operários conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. É isso e nada mais o que pretendiam os legisladores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

Uma monstruosidade lei tendo a coíthar esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operários conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. É isso e nada mais o que pretendiam os legisladores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

Uma monstruosidade lei tendo a coíthar esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operários conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. É isso e nada mais o que pretendiam os legisladores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

Uma monstruosidade lei tendo a coíthar esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operários conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. É isso e nada mais o que pretendiam os legisladores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

Uma monstruosidade lei tendo a coíthar esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operários conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. É isso e nada mais o que pretendiam os legisladores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

Uma monstruosidade lei tendo a coíthar esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operários conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. É isso e nada mais o que pretendiam os legisladores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

Uma monstruosidade lei tendo a coíthar esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operários conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. É isso e nada mais o que pretendiam os legisladores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

Uma monstruosidade lei tendo a coíthar esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operários conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. É isso e nada mais o que pretendiam os legisladores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

Uma monstruosidade lei tendo a coíthar esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operários conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. É isso e nada mais o que pretendiam os legisladores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

Uma monstruosidade lei tendo a coíthar esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operários conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. É isso e nada mais o que pretendiam os legisladores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

Uma monstruosidade lei tendo a coíthar esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operários conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. É isso e nada mais o que pretendiam os legisladores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

Uma monstruosidade lei tendo a coíthar esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operários conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. É isso e nada mais o que pretendiam os legisladores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

Uma monstruosidade lei tendo a coíthar esses movimentos, servindo de pretexto para perseguições aos operários conscientes, que sabem protestar contra as tiranias. É isso e nada mais o que pretendiam os legisladores da companhia Docas de Santos, e outras muitas, que se tem repetido na razão directa da pressão exercida pelo capitalismo.

tas, barbaças e consequente expulsão com que foram injustamente castigados diversos dos nossos mais esclarecidos e inteligentes companheiros militantes.

Assim, pois, a Liga Operária desta cidade, usando o direito que lhe assiste, protesta contra a iniquidade da lei de expulsão de estrangeiros que ora agita a opinião pública e convida todas as pessoas presentes, sem distinção, a acompanhá-la em seu gesto de natural repulsa, pedindo-lhes suas assinaturas nestas folhas, que serão devidamente registradas nas atas da Liga Operária de Ribeirão Preto.

Ribeirão Preto, 16 de dezembro de 1912.

Romulo Pardini, Dante Reale, Pedro Pontin, João Pontin, Emilio Masaro, Alexandre Salvadori, Nicola Francesco, Francisco da Silva, Pietro Catturelli, Cesarino Catturelli, Paolo Catturelli, Amadeo Catturelli, Domingos Orsalam, Tomaz Tulin, Alberto Bombonato, Antonio Mazzola, Signorini Domingos, Guindani Colinas, Rafael Guzman, Giuseppe Fanti, Vincenzo Gherardini, Angelo Lorenzo, Roberto Gherardini, Henri Tranquillo, Salvatore Demofonte, Alfredo Salvadori, Amadeo Tasia, Mariano Di Coli, Filipe de Santos, Natale Bo, Luigi Bo, Americo Facero, Cristip

postura, que política, quer religiosa, não serve senão para impedir a marcha do pensamento humano.

Assim, pois, devemos nos libertar dessas ataduras, que são a causa da ruína da nossa sociedade.

E agora, como vemos que os próprios padres desobedecem as ordens de seus superiores hierárquicos, achamos oportuno que o povo, também, por sua vez, desamparasse os padres e ministros de toda e qualquer religião.

Que sabe lá...

Em Itapira dá-se o seguinte: o padre vigário daquela paróquia, que é muito rendoso, não merece a graça do chefe político local.

O motivo desse facto, porém, não sabemos. Mas o certo é que, por pedido deste, o vigário de Itapira é removido.

A ordem, todavia, não foi obedecida pelo padre demissionário, no lado do qual se acham assuas orelhas, que, reunidas, fizeram-lhe grande manifestação de solidariedade.

E até agora, segundo imaginamos, o padre Amorim continua em sua paróquia, a despeito da intervenção da polícia, cujo deslocamento local resolveu de S. Paulo, há dias, um contingente de força, que ali se acha sob o comando de um sargento.

Se a moda pega... que irá fazer o sr. bispo de Ribeirão Preto com as suas especulações tão rendosas?

Mogi-Mirim, 30 — 12 — 1912.

Pettinato.

o QUE VAI PELO MUNDO

Reunião internacional do movimento anticlerical, livre-pensamento e social

Bélgica

SINDICATOS CRISTÃOS — O último relatório do Padre Rutten, secretário geral das União profissionais cristãs da Bélgica, acusa, como os precedentes, um aumento considerável dos efectivos dessas organizações.

Contando em 1904 cerca de 10 mil sócios, os sindicatos cristãos englobavam mais de 20 mil em 1906, mais de 40 mil em 1909, mais de 70 mil em 1911, e no 1.º de julho p. p. chegaram a 82,716, repartidos por 866 sindicatos.

E sobretudo na industria textil que se desenvolveram os sindicatos cristãos. So sindicatos, com 13,638 sócios. Também arremataram em organizações especiais os operários flamengos que vão a trabalhar a colheita em França. Os tres sindicatos dos emigrantes da Flandres oriental, da Flandres occidental e do Hainaut contam respectivamente 10,160, 3,960 e 10,050 sócios, ao 15.7.16.

Em suma, dá-se a causa proletária, a emancipação económica, política e intelectual dos trabalhadores, esta obra clerical, E mesmo grande nefasta divisão o operariado e retardando a formação da sua consciência de classe.

Entretanto, no momento da acção, succede com frequência que os operários arrematados abandonam os

Venturi, João Gisz, José Caruso, Amadeo Henrique, Antonio Pinotti, Lucilio Roque, Valentino Ferranti, José de Castro, Giovanni Piroliello, Pietro del Ben, Michele Mistrucchi, Cleonte Basi, José Oliveira Jordão, Felisberto Prospero, Ernesto Kikuri, Giuseppe Comperone, Silvio Cecchi, Felice Puccetti, Lilla Pesi, Iralo Scavastini, Ignazio Fransi, Alfredo Battaglia, Luigi Ferrari, Francesco Murdocco, Serafim Amaro, Antonio Pinotti, Ferdinando Vizzotto, Remigio Ajta, Giovanni Bo, Cesare Trinci, Marcello Martelli, Carlos Martin Rodriguez, Emilio Rossi, Luigi Viorassini, Pasquale Rondinone, Joaquim Ferreira, Antonio Ignacio, Francesco Rondinone, Deciano Alfonso, Archimede Bó, Avelino Bó, Domenico Rondinone, Giovanni Greguolo, Attilio Mazzoni, José de Amaral, Juli Guzman, Francisco Prospero, Giuseppe di Pace, Constantino Leonel, Pietro Meloni, Amadeo Riva, Vitaliano Mauro, Dante Malerba, Giovanni Clemente, Cesare Faccio, Domenico Novello, Davide Raghianti, Eugenio Perli, Giovanni Gherardini, Giovanni Veraci, Denisio Faccio.

propaganda para que os católicos seja proibido relacionarem-se com pessoas de outra religião. Recentemente publicou os estatutos dum associação feminina, nos quais se lê isto: «É proibido o casamento misto: é causa de exclusão da associação qualquer laço de amizade com pessoas de outra religião».

Ah! se os padres não dão a exemplo a eficácia que ela tinha na idade-media...

Russia

O HEROISMO REVOLUCIONÁRIO — A polícia de Varsóvia encontrou a pista de dois terroristas conhecidos, chamados Blukotek e Kozlozet. Os agentes perseguiram-nos. Os terroristas, então, fugiram, levando algumas bombas contra os seus perseguidores, ferindo uma mulher. Por fim conseguiram refugio no pátio interior do celebre castro de Jasnagora dalli numa torre onde, a uma janela, armados de pistolas, fizeram fogo contra a policia que, pediu, para os auxiliar, uma torça de infantaria. Muitos policias ficaram feridos. Os frades do convento procuraram parlamentar com os revolucionarios, incitando-os a renderem-se. Todos os esforços fradescos. O cerco ao convento continuou durante a noite. Uma metralhadora fez fogo contra a torre e foram então capturados os revolucionarios — mortos entre os escombros.

A REPRESSÃO — Dezoito dos maritheiros que se tinham amotinado em Sebastopol foram condenados a morte, sem falar nas outras condenações.

Contra a barbaça sentença, houve uma serie de greves de protesto. Em 30 de novembro, eram 45 mil os grevistas em S. Petersburg.

A cinco dias dezoito condenados a morte foi por fim comutada a pena na de trabalhos forçados perpetuos. Bem pouco lucraram!

Estados-Unidos

UM PADRE QUE DEIXA A IGREJA — Jeremias J. Crowley, padre católico durante 31 anos, abandonou a Igreja, publicando um grosso volume que fez escandaloso e realizou conferencias muito concorridas, por causa da sua eloquencia.

Tendo descoberto muitos delitos e vícios no clero catolico, pediu providencias ao papa; este, não só não o atendeu, mas concedeu favores aos padres e bispos denunciados, de certo no intuito de lhes restaurar a reputação.

Em Chicago que fizeram como Crowley tiveram a mesma sorte. E o caso do padre P. de V. e o coment do romance Roma, de Zola.

O cardeal Fulton afirmou a Crowley que todas as queixas daquele genero eram falsas, e que os padres, mil e quinhentas mulheres de Chicago assinaram então uma mensagem pedindo a autoridades eclesasticas a protecção contra os crimes e imorais. O cardeal Quiley respondeu que a Igreja não permitia uma investigação e que o papado impor a disciplina a tais padres seria destruir a propria Igreja.

As provas dadas pelo autor mostro, mais um vez, que o papado é inimigo consciente da verdade e da liberdade e que a Igreja é uma associação de cumplicidades.

Pela Araraquense

O nosso companheiro João Penteado vai percorrer a linha Araraquense.

Ficam arizados os nossos amigos das cidades onde possam ser organizadas conferencias de propaganda.

A "Lanterna" no R. G. do Sul

São representantes da Lanterna no adiantado Estado gaúcho, onde a nossa propaganda estende-se animadamente, os seguintes correio-gonistas:

Em Porto Alegre — Sr. Oldemar Carvalho, Ladeira 56-A.

Em Pelotas — Sr. Tomaz da Costa, rua General Aguirre, 366.

Em Rio Grande — Sr. Germano Coelho Estima, Armazem Nova Aurora.

Em Jaguarão — Sr. Francisco Verissimo Alves.

Em Bagé — Amantino O. Santos. Com estes amigos poderá ser tratado tudo quanto se refira ao nosso jornal.

Pela linha Itanae, Jundiá e Campinas

Avisamos os nossos assignantes das localidades de Jundiá e Campinas, que, dentro de poucos dias, serão visitados pelo nosso companheiro viajante.

Certo estamos que todos se esforçaram pelo bom exito do trabalho do nosso companheiro.

AOS ASSINANTES DE LONGE

A todos os nossos assignantes que residem em localidades distantes das nossas, pedimos que nos remetam o mais breve possível a importância de suas assinaturas, pois estamos procedendo a revisão das listas de expedição afim de reimpri-las.

